

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 125 — Domingo, 30 de Outubro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## NOVOS RUMOS NA ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

### «PARA DIANTE...»

Por MANUEL ARAÚJO

ESTAS palavras disse-as um dia Salazar, ao referir os planos da própria Revolução Nacional. Para diante no renascimento do País. Para diante na batalha corporativa. Era preciso dar uma ordem nova às relações entre o Estado e o Povo Português. Era indispensável continuar a melhorar o nível da vida dos portugueses, a transformar as condições da sua existência e do seu meio económico-social.

Passaram muitos anos sobre a palavra de ordem de quem ascendera, pelos seus méritos e pelos seus serviços à Grei, a Chefe incontestado e incontestável do movimento iniciado em Braga, no dia 28 de Maio de 26.

Sem dúvida que, durante esses anos decorridos, nem tudo foram tristezas nem desilusões em matéria corporativa. Mas o certo é que se não fez o que era indispensável ao bem estar nacional, mormente ao bem estar, ao progresso e à felicidade dos trabalhadores.

Quando tomou posse das graves e pesadas responsabilidades de Ministro das Corporações e Previdência Social, há poucos meses ainda, o sr. dr. Henrique Veiga de Macedo lançou um olhar retrospectivo sobre o panorama corporativo. Sem deixar de prestar homenagem aos homens que o antecederam no espí-

nhoso encargo que ora tem sobre os seus ombros, não deixou de acentuar que era manifesta a falta de doutrina e de dirigentes corporativos. A essa falta se deviam e devem atribuir fracassos que nos chocam e pedem ainda hoje urgente solução.

Fomos dos que muito gostosamente aplaudiram sem reservas as claras e precisas afirmações do sr. dr. Veiga de Macedo, em que sempre vimos — e vemos — um dos mais conscientes e um dos mais dignos servidores das ideias que estruturam, não apenas o sector que dirige, mas toda a

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## DE TODO O MUNDO

### MÉTODOS ESPECIAIS NO FABRICO

#### DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

(Especial para o «Noticias do Algarve»)

NO fabrico de alimentos e bebidas, estão a ser introduzidos métodos que bem podem ser classificados de revolucionários. Com as novas técnicas adoptadas, principalmente no que se refere à manipulação de pão, vinho e cerveja e preparação de carnes, consegue-se não apenas uma produção imensamente maior e, por conseguinte, mais económica, mas também a obtenção de produtos mais saborosos, mais higiénicos e digestivos. Os casos concretos, a seguir assinalados, são uma boa prova disso.

Uma firma de Nova Iorque já começou a vender «pão congelado», depois de ter distribuído durante algum tempo várias quantidades, a título de amostra.

O pão destinado à congelação é envolto em papel, como o pão vulgar, logo que sai do forno, e, dentro das três horas seguintes à cozedura, transportado a uma grande câmara frigorífica, onde fica armazenado à temperatura de doze graus abaixo de zero. Ali poderá perma-

## ALGUNS PROBLEMAS DO ALGARVE

### FOGADOS NA SUA CASA REGIONAL EM LISBOA

SOB a presidência do sr. dr. Sousa Carrusca, reuniu-se em 20 do corrente, o Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, para deliberar sobre um parecer apresentado pelo vogal representante de Lagos, sr. José Ferreira Canelas, acerca de um estudo do sr. dr. A. de Sousa Pontes, em que se alvitra a criação de um curso para a formação de técnicos de conservas no Algarve, e sobre duas propostas do sr. engenheiro-geógrafo dr. José António Madeira, uma focando a necessidade de reavivar o problema da construção do Aeroporto de Faro, como aeródromo alternante do de Sacavém, e a outra sugerindo a escolha do ano áureo da inauguração do monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres, para a realização do III Congresso Regional Algarvio.

Como fundamento do referido parecer, disse o seu autor: «To-

dos estamos de acordo em que a indústria de conservas de peixe é realmente uma das grandes fontes de riqueza do País, e em que a parte correspondente ao Algarve representa mais de metade dessa riqueza e representa para a nossa provincia um dos seus maiores elementos de trabalho. Nestas condições, não pode deixar de ser louvável toda a iniciativa que vise a aperfeiçoar aquela indústria e a técnica dos seus processos de trabalho, não só para que ela se afirme entre as suas concorrentes pela excelência dos seus produtos, mas ainda para que se expanda com a utilização sempre mais larga das matérias primas susceptíveis de serem obtidas na nossa provincia, expansão generalizada, mesmo, aos produtos não oriundos do mar, como as frutas e as carnes, o que, além de aumentar os meios de trabalho e a riqueza produzida, teria a vantagem de construir o volante amortecedor das crises resultantes das faltas e irregularidades da pesca.» E recordando algumas das dificuldades que se opõem, a seu ver, por enquanto, ao êxito do curso proposto, lembra, todavia, que «alguma coisa de útil e interessante se podia fazer no sentido desejado, com o fim de melhorar o nível técnico

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

### Projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres

O júri nomeado para apreciação dos projectos e maquetas do monumento ao Infante D. Henrique, a erguer em Sagres, escolheu, entre cerca de 50 concorrentes, os cinco trabalhos que vão agora participar no 2.º grau do concurso.

Os projectos escolhidos têm as seguintes divisões, por ordem alfabética: «Dilatando a Fé e o Império», «Mar Novo», «Nau» e «Talent de bien faire».

## CENTENÁRIOS E MONUMENTOS

### O COMENDADOR SOL

VII

Por MARGOS ALGARVE

PASSOU-SE há 48 anos este episódio que vou relatar, não por eu ser amigo de fazer relatórios, como certo rapaz que conheço, que é um portento nesse género de epistolografia.

O caso passou-se em Setembro de 1907, e eu estava próximo dos 52 anos, exuberante de seiva, humorismo e alegria, apesar de possuir já três filhos, carga demasiadamente pesada para um rapaz da minha idade.

Nesse tempo, porém, o ganho de um chefe de família não dava

para muitos passeios nem para lautos banquetes. Mas vivia-se mais tranquilo e o luxo estava longe de alucinar, como hoje, o espírito das meninas novas e até mesmo o de certas matronas que, para a economia dos maridos, deviam já estar recolhidas nos museus celestiais...

Havia oito anos que eu regressara do Congo ao meu Algarve, bastante chamuscado pelo Sol do Equador e pela catinaga das pretas. Dessas mulheres africanas, novinhas e palmeiras, apenas uma me fez irritar e sair fora dos meus hábitos pacíficos. Era branca, francesa e fora educada na Missão Católica do Luango.

Chamava-se Charlotte e era uma pombinha que arralhava os seus amores em troca de vestidos e de pulseiras fulgurantes... Mais tarde, no Algarve, o acaso colocou na minha frente outra francesa gentil com idênticas manhas...

Fico-me por aqui à deriva, não vá eu transformar este sétimo artigo em sete pesadelos opressores, que me podem atirar, repentinamente, para as chamas do Inferno!

Oito anos passados sobre a vida em África, entraram a despertar-me saudades e lembranças de velhos companheiros e amigos.

### FEIRA DE SILVES

Nos próximos dias 31 do corrente e 1 de Novembro, realiza-se em Silves a tradicional Feira de Todos-os-Santos, a mais importante daquela cidade do barlavento algarvio.

Sempre largamente concorrida por feirantes e forasteiros, notável pelas vultuosas transacções a que dá lugar, tudo indica que assim acontecerá mais uma vez.



ASPECTO DA VILA DE CASTRO MARIM

## CASTRO MARIM

Pelo Prof. JOSÉ PEDRO PIRES PARRA

APROVEITEI em tempos algum espaço do vosso conceituado jornal para bendizer a hora em que o Governo resolveu ligar por meio duma estrada os concelhos do Baixo-Alentejo ao Algarve, por Moura, Serpa, Mértola, Alcoutim, parte do de Tavira, Castro Marim e Vila Real de Santo António. Era um melhoramento de necessidade imperiosa, que há bastantes anos se faria sentir e que nos deixou bastante agradecidos.

Infelizmente, venho hoje pedir-lhe um pouco de espaço para maldizer a hora em que se escolheu aquele troço que vai dos Montes Castelhanos até à ribeira, fazendo passar por aquele sitio tal estrada com uma barragem através das várzeas e na barragem quatro aquedutos, que são outras tantas ribeiras e junto à ribeira uma ponte cuja bo-

ca faz que as águas das enxurradas se dirijam para o meio das várzeas, levando na sua torrente árvores e terras, deixando depositados montes de areia e cascalhos de metros de altura, inutilizando por completo as árvores e os célebres pomares da Ribeira do Beliche que constituíam uma

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A INFLUÊNCIA dos livros

nas famílias modestas

Por NATÉRCIA ALGARVE

II

OS livros são, incontestavelmente, os nossos melhores amigos! Ensinam-nos, instruem-nos, fazem-nos passar horas agradabilíssimas.

Através da sua leitura, viajamos pelos países mais belos, pelas paisagens o escritor nos faz conhecer. Analisamos civilizações e costumes diferentes dos nossos. O progresso da vida futura e que nós, muitas vezes, ainda não vivemos, vêm-nos à compreensão por intermédio da leitura.

Noutros, cenas da vida real, donde foram extraídos esses livros que nos prendem a atenção. E mais, muito mais, tudo aquilo que desejamos saber e penetrar os escritores têm lançado nas páginas coloridas, duma beleza sempre renovada dos seus livros, dos quais alguns conseguem atravessar todas as fronteiras.

Mas, a par da grande utilidade da leitura, em certas famílias, o seu aproveitamento é contraproducente.

As meninas, armam-se em românticas, e esperam, estáticas, a chegada de um príncipe encantado, de um milionário que lhes sustente o luxo, sem elas terem que dar um passo para o trabalho.

Estudam-se os papéis que alguns personagens tiveram na vida real e elas querem imitar. Por isso, essas representantes de figuras de romance, incarnadas pela cópia, nada aproveitaram da leitura dos livros, que afinal pela falta de compreensão só as foi prejudicar. E, tanto assim, que esse género de reparagens não procura auferir do livro a parte proveitosa, instrutiva e que vá aumentar a sua cultura. Não, ela não procura isso, somente procura o final para saber como é o desfecho da narrativa, da novela ou do romance.

O seu aproveitamento não passa, em geral, de uma ginástica acrobática...

Júlio Diniz, aquele original escritor, cujas obras são imortais e de uma moral e de pureza que empolgam todas as inteligências,

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## FEIRA DE LOULÉ

Teve lugar, no passado dia 28 do corrente, a Feira Franca de Loulé, uma das mais importantes da próspera vila algarvia.

A feira, que teve larga afluência de forasteiros e feirantes, decorreu admiravelmente.

### CASTELO DE MÉRTOLA E MOSTEIRO DA BATALHA

Vão gastar-se cerca de 260 contos com as obras de consolidação e reparação do Castelo de Mértola e do Mosteiro da Batalha.

### FESTAS DE S. GONÇALO EM LAGOS

Principaram no dia 22 do corrente e terminam no dia 1 de Novembro as festas em honra de S. Gonçalo, nascido, cerca do ano de 1360, na freguesia de Santa Maria de Lagos, filho de um pescador das armações de atum. Em 1389, seguindo a sua vocação para a vida religiosa, entrou para o convento da Graça, em Lisboa, da Ordem de Santo Agostinho, e faleceu em 1422, em Torres Vedras, na qualidade de prior do convento que a sua Ordem ali possuía, depois de uma vida de extraordinária actividade apostólica e, acima de tudo, verdadeiro exemplo de amor do próximo, pois tudo repartia por aqueles que nada tinham. Elevado ao culto dos altares, S. Gonçalo de Lagos, a «Estrela do Sul», como alguém lhe chamou, tornou-se objecto de grande devoção do povo, principalmente da classe marítima, que ainda hoje o considera protector dos pescadores.

As festas têm atingido muito brilhantismo, e entre as solenidades religiosas, presididas pelo bispo coadjutor da diocese, sr. D. Francisco Rendeiro, haverá missa de pontifical.

### «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

A revista «Terras de Portugal», interessante publicação de propaganda e turismo, transcreveu, no seu n.º 45/46, o artigo «Marcelino Mesquita e a gratidão do Cartaxo», da autoria do nosso prezado amigo e distinto colaborador, sr. José Barão, e que publicámos num dos nossos últimos números.

## CHÁVENAS DE CAFÉ

### QUASE AMARGO

PELO DR. CRUZ MALPIQUE

ARTISTA E MEIO

Homem e meio (fêltrico ou social) constituem ciclo fechado. O homem influi sobre o meio; o meio repercute-se no homem. Quando, por exemplo, pretendemos explicar, psicologicamente, um poeta, entrevendo-o na sua obra, nunca devemos abstrair da terra onde nasceu e se criou.

Por muito universal que o poeta seja, nunca deixará de sentir-se da dedada do seu clima (meteorológico ou espiritual) nele deixou. Poderemos, acaso, desligar Camões do seu meio histórico, das suas andanças por três continentes e três oceanos, da terra onde deitou raízes? Evidentemente que não. Através da sua originalidade pessoal, aflora, constantemente,

o perfil moral e fisiológico da nação que o deu à luz. E' de Portugal, e Portugal está nele. Ficou sendo, por toda a parte e sempre, o eco ressonante da pátria, sua amada.

O ESCRITOR E A VIDA HUMANA

A personagem de Terêncio dizia que homem era e nada do que é humano lhe era indiferente.

Quem quiser fazer obra literária que perdure, não se meta a navegar pelos intermúndios da fantasia e da alegoria. Se tiver génio observador, considere a vida humana nos seus pluri-facetados aspectos, e dê-lhes expressão flagrante. Não precisa de mais nada. Shakespeare nada mais fez, e, com té-lo

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e estimado assinante em Faro, sr. Manuel José Morais Rodrigues.

Regressou a Lisboa a nível médica, nossa prezada assinante e conterrânea, sr.ª dr.ª D. Maria das Dores Medeiros Nobre.

Acompanhado de sua esposa e filhos, foi a Fátima o sr. dr. Mário Lyster Franco, ilustre director do nosso prezado colega «Correio do Sul» e distinto advogado em Faro.

Regressou de Lisboa, onde esteve em tratamento, o nosso prezado assinante nesta vila, sr. Mário Flores.

Casamento

No passado dia 26 do corrente, realizou-se na igreja paroquial desta vila o enlace matrimonial da sr.ª D. Leonila da Costa Camarada, filha da sr.ª D. Silvéria da Costa e do sr. Mário Sousa Camarada com o sr. Albino da Costa Ramires, filho da sr.ª D. Teresa da Costa Ramires e do sr. José Ramires.

Apadrinharam o acto o sr. João Mendes, nosso prezado assinante, e sua esposa sr.ª D. Elisa Tenório Mendes.

Do novo casal, o «Noticias do Algarve» deseja felicidades.

Chávenas de Café QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

feito, a si mesmo passou guias para a immortalidade. Razão tinha Goethe para dizer pela boca do «gracioso», no discurso preliminar do Fausto:

Enterra em cheio a mão na vida [humana! Todos a vivem; poucos a conhecem.]

Por onde quer que lhe pegueis, é [curiosa!

«MADRASTA, NEM DE PASTA!»

A pior das mães vale a melhor das madrastras. O sangue fala mais alto que todas as bondades postíças. O amor das mães vai para os filhos como os rios vão para o mar: por um irresistível impulso natural. O amor da madrastra a filhos que não teve fica-lhe sempre curto nas mangas. «Madrasta, nem de pasta!»

A FILOSOFIA NÃO ASSEN-

TOU MORADA ENTRE NÓS

Por via de regra (as excepções contam-se pelos dedos) não fazemos mais — na actividade filosófica — do que repetir o que se faz lá fora. Damos a impressão — nós, os portugueses — de não possuir o dom do debruço filosófico. Gastamo-nos no lirismo, em desabafos de sentimento, e por aí nos ficamos. A risca específica do nosso espectro não é, positivamente, a filosófica. As grandes dúvidas metafísicas não nos atormentam. A quietude de espírito é o nosso clima.

A hiper crítica não tem tido, entre nós, aspectos cruciantes. Vamos na esteira cómoda de conceitos tradicionais — fofo travessero que não nos deixa acordar o espírito para o agudo trinchar dos grandes anseios.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal, a sr.ª D. Rosa Roque R. do Nascimento; a sr.ª D. Maria Rosa Sanchez Batista Borges, por indicação do nosso assinante e amigo sr. Fabrício Pessanha Barbosa, e a sr.ª D. Arlete Maria Pereira e sr. Alfredo dos Santos Colaço, por indicação do nosso assinante sr. Dimas Gaspar Martins.

A todos, os nossos agradecimentos.

ALGUNS PROBLEMAS DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dos nossos mestres-fabricantes de conservas de peixe no Algarve», e isso seria: — «que o Instituto Português de Conservas de Peixe organizasse anualmente, numa das localidades do Algarve para isso indicadas (Lagos, Portimão, Olhão ou Vila Real de Santo António), umas 3 ou 4 palestras de vulgarização científica, dedicadas especialmente a todos os mestres-fabricantes e industriais, acompanhadas ou não, conforme os casos e as necessidades, de trabalhos práticos», palestras feitas «pelos engenheiros químicos ao serviço do Instituto, ou por outras pessoas que o Instituto considerasse qualificadas para o efeito, versando, de forma sucinta, os aspectos científicos dos vários processos e fases de conservação dos alimentos.»

Por sua vez, justificando o alto interesse nacional e a oportunidade da sua proposta sobre o Aeroporto de Faro, o sr. eng. José António Madeira, depois de historiar a criação dos aeroportos de Lisboa e Porto, pôs em relevo o interesse que o Governo logo mostrou pela construção de um aeródromo alternante do de Sacavém, perto de Faro, por se tratar de uma zona de condições climatológicas superiores, para tal fim às de qualquer outra região do País. Recordo também o facto de em 1946 e em 1947 terem figurado no orçamento do Ministério das Obras Públicas dotações extraordinárias de 3.000 contos para início dos respectivos trabalhos e de neste último ano se haver criado o quadro do pessoal respectivo, com idêntico número de funcionários ao do Aeroporto das Pedras Rubras, quadro que se mantém no orçamento. Recordou, igualmente, que as Câmaras Municipais algarvias foram autorizadas, por diplomas legislativos, a participar nas despesas com a construção do aeroporto da província e a proceder às aquisições ou expropriações necessárias, dado o alto interesse público, não só regional como nacional, que o empreendimento representa.

Para se obviarem hoje algumas dificuldades que então surgiram e remediar uma falta que dia a dia mais se acentua, com lesão de interesses e até descrédito do País, creio o autor da proposta que na actual construção do Aeroporto de Faro se poderá recorrer, como medida económica, à redução do número de pistas inicialmente projectadas, não esquecendo também o dever que há, neste momento, de o Algarve se ir já preparando, com meios de transportes próprios, para receber, em 1960, as altas embaixadas que, decerto, virão de todo o Mundo assistir à inauguração do Monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres.

E confiado em que não deixarão de dedicar a tão importante problema a sua melhor atenção todos os organismos e entidades oficiais do Algarve, o Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, a Casa do Algarve e a Imprensa, o sr. eng. dr. José António Madeira diz, finalmente, não querer deixar de acentuar que, na evolução das várias medidas legislativas promulgadas sobre o assunto, de sequência relativamente rápida, além do manifesto interesse do Governo de dotar o rincão algarvio com um aeroporto, há ainda a considerar o facto bem significativo da prioridade que foi inicialmente dada

FALECIMENTO

José Luís Pereira

No passado dia 25 do corrente mês, faleceu no sítio de Aldeia Nova, desta vila, o sr. José Luís Pereira, de 88 anos de idade, viúvo, de profissão pedreiro, natural de Vila Nova de Caxela.

O extinto era pai das sr.ªs D. Ermelinda Pereira Miguel, D. Deolinda Bento Canelas, D. Maria Rita Pereira, D. Rita Pestana Pereira e sr. António Luís Pereira, e genro do nosso prezado assinante sr. João Miguel.

A família enlutada, apresentamos as nossas condolências. Este funeral, esteve a cargo da «Agência Viegas».

ao Aeroporto de Faro, sobre qualquer outro da rede nacional, a seguir aos de Lisboa e Porto.

Assistiram a esta notável sessão representantes de todos os concelhos do Algarve, que tomaram o mais vivo interesse pelos assuntos que lhes foram submetidos, sendo aprovado o parecer do industrial sr. José Ferreira Canelas, sem prejuízo das diligências a favor da criação de um curso ou cursos para a formação de mestres de conservas, no Algarve.

A proposta sobre o Aeroporto de Faro foi aprovada por aclamação. E para a realização do III Congresso Regional Algarvio, foi escolhido o ano de 1957, nomeando-se uma Comissão constituída pelo presidente do Conselho Regional da Casa, pelo sr. eng. José António Madeira e por representantes da Comissão Permanente do II Congresso e das Comissões Cultural e de Propaganda e Turismo, para elaborarem o plano respectivo.

Antes da ordem da noite, foi exarado em acta, a requerimento do presidente da sessão, sr. dr. Sousa Carrusca, um voto de profundo reconhecimento, como exemplo digno de registo, pelo gesto altruista com que o benemérito algarvio, recentemente falecido, sr. António Martins Calçada, de S. Brás de Alportel, deixou no seu testamento o valioso legado de 250 contos para a criação de uma maternidade-infantário na sua terra natal, além de 25 contos anuais para a manutenção do mesmo estabelecimento de assistência, e um voto de saudação ao membro do Conselho, sr. José Ferreira Canelas, representante de Lagos, pelas públicas manifestações de apreço que lhe foram prestadas na referida cidade, também sua terra natal, em reconhecimento da importante obra industrial e social que ali tem realizado.

Ambos os requerimentos foram aprovados por aclamação.

Em 22 do corrente, a Direcção da Casa do Algarve tomou conhecimento das referidas deliberações e aprovou o programa das restantes actividades da Casa, no mês de Novembro, das quais fazem parte, entre outras, um almoço de confraternização, em 15, dedicado aos presidentes honorários do Conselho Fiscal e da Comissão de Beneficência, srs. António Libânio Correia e coronel engenheiro Manuel Aboim Ascensão de Sande Lemos, e o desceramento dos retratos de todos os sócios honorários da colectividade.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(ÉDITOS DE 120 dias)

Nos autos de acção de divórcio, sob o benefício da assistência judiciária, pendentes na secção de processos desta Secretaria Judicial, em que é autor Sezindal Martins Estêvão e ré, sua mulher, Maria da Conceição Soares, ausente em parte incerta, cujo último domicílio conhecido no País foi no sítio das Hortas, desta Comarca, para no prazo de 20 dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, a aludida acção, a qual o autor pretende que seja julgada procedente e provada e consequentemente decretado o divórcio entre ambos, com fundamento no n.º 6 do art.º 4.º do Decreto de 3 de Outubro de 1910 e a citanda condenada em custas, selos e condigna procuradoria.

Vila Real de Santo António, 6 de Outubro de 1955.

O Chefe da Secção de Processos,

a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

a) Francisco Nunes Correia

II ROMAGEM DE SAUDADE DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DE FARO

COM a presença dos srs.

Juiz-Conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, dr. Antero Cabral, major Mateus Moreno, Hermenegildo Neves Franco e representação dos srs. dr. Guerreiro Murta, eng. Mário Costa e dr. Quirino Mealha, reuniu-se na «Casa do Algarve» a Comissão de Lisboa, para levar a efeito a II Romagem de Saudade dos Antigos Alunos do Liceu de Faro, saídos daquele estabelecimento de ensino até 1945 e a realizar-se naquela cidade, no próximo dia 1 de Dezembro, data tradicionalmente consagrada por aquela academia às suas manifestações.

Tomou a Comissão conhecimento do entusiasmo que a referida Romagem de Saudade está despertando entre todos os antigos alunos, dado o já elevado número de inscrições.

De entre outros assuntos foi deliberado:

Se constitua, em Faro, uma Comissão, em ligação com a de Lisboa, cuja organização foi confiada aos srs. drs. José Ascenso e Mário Lyster Franco, ambos antigos alunos, respectivamente, Reitor do Liceu de Faro e Director do «Correio do Sul», cujo jornal foi o iniciador do movimento a favor desta Romagem;

Se estudem as possibilidades da organização dum comboio especial ou redução no preço dos bilhetes, do que oportunamente se avisarão os interessados.

Finalmente, foram trocadas impressões sobre a forma de consagrar a referida Romagem, cujo programa, em acordo com a Comissão de Faro, a seu tempo se divulgará.

A Comissão aceitará e apreciará todas as sugestões que lhe forem apresentadas, para se dar o maior realce a esta comemoração.

Em novos comunicados se dará conhecimento do que for deliberado e do preço da inscrição.

BOM NEGÓCIO

Por motivo do seu proprietário ter de retirar para o estrangeiro, trespassa-se, em OLHÃO, um bom estabelecimento de vinhos e seus derivados, situado no melhor local do Mercado da Verdura. Quem estiver interessado, dirija-se a José Fernandes, Mercado da Verdura, 11 — OLHÃO.

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executado em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES Rua Miguel Bombarda, 30 Vila Real de Santo António

CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS E OS JOSÉS DE PORTUGAL

NO dia 27 do corrente,

pelas 22 horas, iniciase, na sede do Grupo Onomástico «Os José de Portugal», na Rua Castilho, 17-1.º, em Lisboa, a distribuição dos 44 relógios «Tissot», prémios que aquele Grupo Onomástico instituiu para galardoar, nos 22 distritos do Continente e Ilhas, os professores «José», que maior número de alunos tenham levado a exame, e os alunos «José» mais idosos que tenham obtido aprovação no referido exame.

Para esta sessão foram convidados suas Excelências o Ministro e Subsecretário da Educação Nacional, e outras entidades.

Para fazer a distribuição, a Direcção dos «José» deslocase aos respectivos distritos, do seguinte modo: Aveiro — Dia 29-10-55, às 15 horas — Salão do Grémio do Comércio.

Beja — Dia 1-12-55, às 22 horas.

Braga — Dia 30-10-55, às 12,30 horas — Salão Nobre da Câmara Municipal.

Bragança — Salão Nobre da Câmara Municipal.

Castelo Branco — Dia 31-10-55, às 22 horas.

Coimbra — Dia 29-10-55, às 10 horas — Salão da União dos Grêmios dos Lojistas.

Évora — Dia 1-12-55, às 15 horas.

Faro — Dia 2-12-55, às 22 horas — Salão de Festas do Mercado Municipal.

Guarda — Dia 31-10-55, às 15 horas — Escola do Magistério Primário.

Lisboa — Dia 27-10-55, às 22 horas — Sede do Grupo Onomástico «Os José de Portugal».

Lisboa — Dia 27-10-55, às 22 horas — Sede do Grupo Onomástico «Os José de Portugal».

Portalegre — Dia 1-11-55, às 10 horas — Salão dos Bombeiros Voluntários de Portalegre.

Porto — Dia 29-10-55, às 22 horas — Clube Fenianos Portuenses.

Santarém — Dia 1-11-55, às 18 horas — Junta da Província do Ribatejo.

Seiúbal — Dia 30-11-55, às 22 horas — Salão Nobre da Câmara Municipal.

Viana do Castelo — Dia 30-10-55 às 10 horas — Associação Patriótica Nuno Álvares.

Vila Real — Dia 30-10-55, às 22 horas — Salão Nobre da Câmara Municipal.

Viseu — Dia 31-10-55, às 10 horas — Escola do Magistério Primário.

Para presidir a todas estas sessões, foram convidados os respectivos Governadores Cívicos e as restantes autoridades dos distritos, Directores Escolares, entidades diversas, etc.

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António De 22 a 28 de Outubro:

Table with columns for names and amounts under the heading TRANEIRAS. Includes Flor do Sul, Pérola do Guadiana, Tufão, Raulito, Janita, Liberta, Flor do Guadiana, Norte, Arrifana, Triunfante, Maria Rosa, Persistente, Salvadora, Maria Sérgio, Oca, Alvarito, Infante, Jomanel, Novo S. José, Estrela do Sul, Sr.ª da Piedade, Restauração, Tóiuis, Sol, Luís Fernando.

Table with columns for names and amounts under the heading CERCOS. Includes Amazona, Futuro de Olhão, Novo Machado.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 22 a 28 de Outubro:

Table with columns for ship names, origins, and destinations under the heading Entrados. Includes COSTEIRO, MADALENA, ZÊ MANEL, APPINGEDAM, GOLFINHO, MADALENA.

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 29 de Outubro a 4 de Novembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Assine o «Noticias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

CINE-FOZ

Hoje, apresenta o magnífico filme A MUNDANA RESPEITAVEI, com Barbara Laage e Yvan Desuy. Um assunto forte, emotivo, que apaixonou pela sua palpitante actualidade — um espectáculo que deve ver-se... para se discutir depois. Uma mulher sôzinha desafia a ira de uma cidade, em defesa de um homem condenado ao linchamento. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Terça-feira, 1 de Novembro, (Feriado Nacional), reposição do célebre filme em agfacolor, O MEU DESTINO É O MAR, com o eminente actor europeu Hans Albers. As aventuras de um antigo marinheiro e popular cantor de «cabaret», que terminam pela sua volta para o Mar, que... é o seu destino. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-feira, 3, apresenta o grandioso filme em technicolor, ESTRELA DO ORIENTE, com Cornel Wilde e Yvonne Sanson. «Estrela do Oriente» é o nome da maior safira do mundo. A história deste filme foi sugerida por incidentes ocorridos no histórico século XVII. A mais espectacular de todas as grandes aventuras. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

A ILUSTRADORA LIMITADA Rua de S. Paulo 232 LISBOA TELEF. 25764. Includes services: FOTO-ZINCO, TRICROMIA, FOTOGRAVURA, ZINCO-GRAVURA, DESENHO.

GABARDINES DAVID, CALÇADO NILO, CASA COELHO. Trindade Vila Real de Santo António

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# APÓS A TEMPESTADE SUCEDOU A BONANÇA

O Lusitano necessita do apoio moral e material de todos os vilarrealenses disse-nos Ilídio Setúbal, tesoureiro do Lusitano Futebol Clube

**A** GRAVE crise atravessada pelo Lusitano, nos últimos anos, foi debelada com a entrada da nova Direcção, a que preside António dos Anjos Ruivinho, que tem conseguido, embora em pouco espaço de tempo, encaminhar o clube para uma situação confiante.

Não se pode deixar de louvar a actual Direcção, a qual continua a servir dedicadamente a obra a que se devotou em pról do clube.

O ressurgimento duma colectividade é sempre de notar, mas este merece referência especial se recuarmos alguns poucos anos. Veremos um clube descrente, sem vontade própria e até mesmo indisciplinado, que esteve quase a ser atirado para um lugar que não se adaptaria ao seu passado de boas tradições no futebol nacional. E como a recordação desses anos é triste, voltemos ao Lusitano de hoje. Vemo-lo numa fase de recuperação, preparando um futuro que pode ser prometedor, se todos nós, vilarrealenses, nos sacrificarmos, tanto quanto possível, para o engrandecimento do principal clube da nossa terra.

Curiosos por sabermos notícias do Lusitano, quanto aos seus progressos em vista do campeonato regional se aproximam, quisemos interrogar um dos seus dirigentes, e escolhemos o tesoureiro, sr. Ilídio Setúbal. Depois do nosso entrevistado ser elucidado sobre o que pretendiamos, fizemos a primeira pergunta:

— Está satisfeito por fazer parte da Direcção do clube?

— Creio que não é muito fácil encontrar satisfação num cargo ingrato, como é ser director de qualquer clube. Sentir-me-ei feliz, sim, se o Lusitano conseguir aquela posição a que tem direito, isto é, a subida de divisão.

— E os seus colegas?

— Julgo interpretar o sentir dos meus colegas na resposta dada anteriormente.

— Como tem reagido a massa associativa, e em geral, os vilarrealenses, perante o ressurgimento do Lusitano?

— A massa associativa, na realidade, mostra interesse pelo clube, pondo de lado a indiferença, nunca desejável. É necessário o apoio moral e material de todos os vilarrealenses.

— E perante o louvável comportamento da nova Direcção? As suas solicitações têm sido compreendidas?

— Quanto ao nosso comportamento e solicitações — com satisfação o digo — a Direcção tem, na verdade, encontrado um ambiente acolhedor.

Contudo, esperamos que compreendam melhor a nossa missão de elevarmos o Lusitano, e com ele, a nossa terra.

— Apesar de tudo, o número de sócios tem aumentado?

— Com mágoa lhe digo que tem sido muito pouco. Pensando a Direcção em empreender uma campanha de angariação de sócios, será oportuno que lance daqui um apelo a todos os amigos do Lusitano, para nos auxiliarem nesta campanha, fazendo-se sócio quem

o não seja ainda.

— Que pensa da magnânima oferta do Benfica?

— A oferta do Benfica foi por nós recebida com grande satisfação, pelo seu valioso auxílio.

— E' verdade que receberam auxílio monetário da F. P. F.?

— Embora alguns jornais já o tenham afirmado, por enquanto nada recebemos, e digo por enquanto, porque temos a promessa oficial desse auxílio.

Mudámos por completo de assunto, para perguntarmos ao nosso amável interlocutor:

— A que atribui o mau rendimento da equipa do Lusitano, na época passada?

— Talvez à anterior Direcção, que não se impôs devidamente, o que levou a indisciplinada aos jogadores. Nós, não querendo cair no mesmo erro, procuraremos ser justos e a disciplina será a nossa divisa.

— Qual a sua opinião sobre o procedimento da equipa para a nova época?

— A equipa, dentro das suas possibilidades, vai tentar fazer o melhor possível.

Os jovens elementos estão animados em conseguir uma posição honrosa no campeonato regional, e estou certo de que eles vão dar tudo por tudo para voltarem a dar nome ao nosso Lusitano. E se me permite, quero dar-lhes público reconhecimento pela maneira simpática e desinteressada como acorreram ao nosso apelo.

— Que pensa do primeiro jogo com o grupo de Loulé?

— Que será a nossa primeira vitória.

— Padesca — vindo do Oriental — fará parte da equipa?

— Nada de positivo ainda lhe posso dizer; contudo, trabalhamos para esse fim.

— Pode, então, contar-se com o Lusitano?...

— Sem dúvida. A Direcção do clube tem trabalhado com vontade, e se mais não faz é porque não pode. Confiamos na nossa equipa, formada à base da juventude.

A nossa curiosidade estava satisfeita.

Agradou-nos verificar que o Lusitano caminha de cabeça bem erguida, e é necessário que assim prosiga, para bem do desporto algarvio.

José Agostinho



## DESPORTO

### FUTEBOL

#### ORIENTAL, 3-OLHANENSE, 0

**Os olhanenses não mereciam perder por esta diferença**

No passado domingo, assistimos na Capital do Império, aonde nos deslocámos proposadamente, ao encontro de futebol entre as equipas do Olhanense e do Oriental, para o Nacional da II Divisão.

O sensacional jogo entre os mais categorizados clubes portugueses: Sporting e Benfica, não «roubou» ao Oriental-Olhanense muita assistência. Assim, ficámos bastante surpreendidos com o enorme público que presenciou este encontro. Além do público afecto aos lisboetas, encontrava-se em Marvila uma falange de adeptos do Olhanense, muitos vindos de Olhão e outros ali residentes. E não nos admirámos, pois, de ver muitas e muitas bandeirinhas rubri-negras.

O campo eng. Carlos Salema sofreu, na verdade, uma grande melhoria. O aspecto actual do campo é magnífico. As bancadas e camarotes ali construídos, de tipo bastante moderno, acolhem numeroso público. Além do mais, o piso do terreno também é esplêndido e pensam, segundo nos informaram, arrelvar. Pode-se dizer que os orientalistas possuem um magnífico campo de jogos.

Depois do triunfo obtido pelos olhanenses frente aos farenenses, este jogo era aguardado no Bairro de Marvila com enorme interesse e expectativa e na verdade assim foi, pois, durante os noventa minutos regulamentares, assistiu-se a um excelente encontro de futebol a que não faltou bastante emoção pela parte dos assistentes.

O resultado sofrido pelos olhanenses não está de harmonia com o

#### Farense, 3 — Estoril, 1

A equipa local, ao bater a forte equipa de Lisboa no seu campo, mantém aspirações aos três primeiros lugares. O triunfo foi merecidíssimo.

#### Portalegrense, 0-Portimonense, 3

Foi com todo o merecimento que os algarvios de barlavento triunfaram, frente ao Portalegrense, no campo deste. Na verdade, os visitantes, pelo que jogaram durante os noventa minutos, mereceram indiscutivelmente a vitória.

#### Merculano Valente

#### Gincana de Bicicletas MOTORIZADAS

Conforme noticiámos no nosso último número, realiza-se no dia 1 de Novembro (Feriado Nacional), no campo de jogos «Francisco Gomes Socorro», pelas 14 horas, uma interessante Gincana de bicicletas motorizadas, com valiosos prémios para os primeiros 10 classificados. Dentro dos obstáculos, terão os concorrentes de subir uma prancha, enfiar uma agulha, abrir uma garrafa, apanhar uma ciró, passar entre garrafas, etc., e com agradáveis surpresas.

Para o 1.º classificado entre os motores «Cucciolo» e «H. M. W.» há um prémio especial, uma valiosa taça, oferta gentil da Micromotor, de Faro.

## OS NOSSOS CONTOS

### «O CASAMENTO»

**D**URANTE toda a manhã, os colegas do escritório estranharam bastante o procedimento de Júlio. Por isso não se indignaram quando, cerca do meio-dia, o subchefe Abreu lhe ralhou fortemente por causa de uns balancetes errados e de umas cópias mal dactilografadas. Júlio bem quisera olvidar o que o apoquentava. Ficava extático, de lápis a cair-lhe dos dedos, perdido numa imensidade de pensamentos e de divóidas. O Jacinto, disfarçadamente, pisava-lhe um pé.

«Eh pá, o Abreu está a olhar para ti!» Sobressaltava-se e fitava, admirado, as escalas de números à sua frente. Baixava, então, a cabeça e fazia por se concentrar na soma. O subchefe fingia ler a correspondência do dia. De súbito, alteava as sobrancelhas: aquele Júlio estava a precisar de uma boa ensinadela. Lá estava ele outra vez nas névens. Realmente, Júlio, necessitava de algo que o acordasse de vez. Mas, contra todas as expectativas, a descompostura forte do «Abreu» não deu resultado. Apenas a badalada do meio-dia e meia-hora é que o conseguiu.

Vestiu o casaco, num ápice. Não respondeu às chalaças dos colegas e fugiu como um louco pelas escadas abaixo. Na rua, não diminuiu o andamento.

Cristina admirou-se de o ver tão cedo. Ia a almoçar a casa, havia pouco serviço na costura. Júlio limpou o suor que lhe corria pelo rosto.

— Cristina... Acompanho-te a casa.

— Pois sim.

Caminharam em silêncio até à primeira esquina. Ai, Júlio parou e olhou fixamente para a rapariga.

— Cristina, gostas realmente de mim?

— Não é preciso perguntares, Júlio. Nem eu te respondo. Tu bem sabes.

Havia qualquer coisa de anormal no ar. Cristina notava esse mistério e esperava, com firmeza, a sua revelação. Júlio falou novamente:

— Tens razão, desculpa-me. Já vai para três anos que nós namoramos.

Parou, embaraçado. Cristina sorriu.

— O que tens, Júlio? Pares o mesmo do primeiro dia, quando me pediste namoro... Lembra-te?

Riram gostosamente. A tensão albitou-se.

— Cristina. Queres casar comigo?

Era aquilo. Cristina sentiu o coração bater mais forte. Há quanto tempo ela desejava que Júlio lhe fizesse aquela proposta. Não passava de um devaneio, claro. Mas ela gostava de sonhar.

— Sim, Júlio. Só me casarei contigo. Infelizmente, temos de esperar tanto tempo...

— Não! Quero casar-me já! Não aguento mais o namoro, estou farto. Preciso de ti, Cristina.

Ele tinha razão. Acontecia-lhe o mesmo a ela, o namoro já a saturava, abominava ao máximo a mesma repetição quotidiana, os desejos insatisfeitos, o cansaço das noites solitárias. Quando estavam juntos, tudo parecia esfumar-se, olvidar-se. Mas a solidão que se seguia fazia reviver, mais forte do que nunca, aquele sofrimento indefinível, físico e moral, que a desesperava, fazendo-a suspirar ardentemente pela presença de Júlio. Oh, se pudessem casar-se!

— Júlio... Falas a sério?

— Sim.

— Mas é impossível, Júlio. A tua família necessita de ti e do teu ordenado. E comigo passa-se o mesmo. Bem sabes que o teu irmão ainda está desempregado...

— Já pensei no assunto. Desde ontem à noite que não penso noutra coisa. Sinto a cabeça a esquentar, Cristina. Mas já resolvi tudo.

— Tudo? Tudo? Júlio, não brinques. Então, a nossa castiça, as mobílias necessárias...

— Também já pensei nisso. Não podemos arranjar uma casa para nós dois. Mobílias, apenas necessitamos de uma cama e de um guarda-fato. Mais nada.

\*\*\*

Cristina baixou o olhar, para não ver o efeito que as suas palavras iriam produzir na mãe e no irmão.

— Eu e o Júlio vamos-nos casar.

A senhora Augusta ficou sem fala. Augusto soltou uma gargalhada forçada.

— Muito bem! Já me admirava que aguentassem tanto tempo sem comer o fruto proibido... Cristina tritrou-se.

— Não sejas parvo! O que é que julgas de mim? Estamos fartos de namorar, pronto! Queremos casar já, ouviste? Já!

A senhora Augusta olhou para a filha. Seus olhos humedeceram-se. Depois, numa voz trémula, falou-lhe do pai e do pequeno ordenado que este ganhava; do filho Augusto, que parecia perseguido por uma maldição que o não deixava empregar-se; das dívidas que tinham na mercearia e noutros estabelecimentos. Consentia no casamento, sim, pois via que o namoro ainda poderia dar mau resultado. O marido falava-lhe muitas vezes nesse assunto. Claro, que ele consentia também no enlace, pois gostava imenso de Júlio. Mas que Cristina pensasse bem na mudança que a vida deles iria sofrer.

Cristina abraçou-se à mãe. E contou detalhadamente o que Júlio resolvera fazer.

\*\*\*

O pai de Júlio, com a comóção, mexeu-se nervosamente na cadeira onde permanecia entretido havia alguns anos. A mãe e as duas irmãs abraçaram-se a chorar. Júlio afastou o prato da sopa. Compreendia perfeitamente o que se estava a desenrolar no coração dos seus. Por isso, explicou, sem hesitar, o que decidira e como solucionara todos os problemas que afligiriam as duas famílias, quando soubessem que a data do casamento estaria próxima.

\*\*\*

De tarde, portou-se normalmente. Os colegas esqueceram-se do que se passara pela manhã. Apenas o subchefe Abreu, que o estimava, ficou a meditar no assunto. À hora da saída, chamou Júlio de parte. Este pediu-lhe desculpa da falta de atenção em que estivera toda a manhã. E concluiu:

— E' que, senhor Abreu, eu vou casar-me para a semana.

O subchefe ficou assombrado.

— Tu... Tu... casares?! Mas como? Ganhas apenas 800\$00. Tens a tua família às costas. Bem sei que o teu pai recebe uma pequena pensão de seguro, mas isso é pouco, claro. Sorriu. — E' alguma noiva rica?

— Não, senhor Abreu, não é. E' costureira e ganha, mais ou menos, 300 escudos por mês. E ainda por cima tem de dar esse dinheiro em casa. O pai dela é pedreiro (era colega do meu pai), mas já está velhote e tem trabalhado pouco nestes últimos anos. Cristina.

— Basta! Basta! Tu estás louco, Júlio! Mas como vão vocês viver? Como?

— E' fácil, senhor Abreu. Ela continua na sua casa e eu continuo na minha. Apenas com a diferença que dormirei na casa dela, no «nosso» quarto. Já combinei com um marceneiro amigo arranjar-me uma cama de casal e um guarda-fato. Pagarei a prestações suaves. Enfim, o principal é casarmo-nos. Já nos namoramos há três anos, senhor Abreu.

O subchefe sorriu. E, contra o seu hábito, abraçou calorosamente Júlio.

\*\*\*

Casaram daí a um mês. Outros meses decorreram. Uma noite, estavam os dois deitados, Cristina apertou um braço do marido.

— Júlio. Posso fazer-te uma pergunta?

— Não sejas tonta, querida. Diz tudo o que quiseres.

— Bem, eu... Júlio, não achas estranho este nosso casamento?

Júlio olhou-a, admirado. Durante uns segundos esteve calado. Parecia meditar. Por fim, numa voz indecisa, respondeu:

— Realmente... Sim, é um pouco estranho.

— Oh Júlio, um casal que mal se vê de dia, que nem sequer tem uma casa própria... Tudo tão diferente dos outros. Às vezes começo a pensar nisto, e quase que enlouqueço. Júlio! E' que há outras coisas...

— An! Outras coisas? Que... — E os filhos, Júlio. E os filhos! Se eles vierem, o que é que nós fazemos? Não há lugar para eles aqui em casa. E o dinheiro para os alimentar?

— Cala-te, filha. E' melhor não pensares nisso. Tudo se resolverá, acredita. Tudo se resolverá.

— Não dormiram naquela noite. Calados, assim ficaram durante horas e horas. Havia qualquer coisa que não estava certo. Não, aquilo não podia ser assim. O casamento era algo diferente, totalmente diferente do que se passava com eles. Havia qualquer coisa que não estava certo.

Lisboa, 1955.

António Machelra



# Não se irrite...

CONFIE OS SEUS IMPRESSOS E CARIMBOS

ÀS OFICINAS DA

## Tipografia Socorro

APARTADO 8 TELEFONE 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

das maiores riquezas do concelho e que deixa na miséria alguns pobres proprietários que tiveram a infelicidade de ali possuírem aqueles bens.

Apenas aquela malfadada barragem e ponte se começaram a construir, por toda a gente foi profetizado o mal que está sucedendo, porque até os leigos viam que querer conter as águas daquela ribeira por meio duma barragem ao meio das várzeas e com uma fonte de boca enfiada para as mesmas várzeas, desviando as águas do seu curso antigo para as lançar para as terras de cada um, o mesmo era que pretender arrazar aquelas várzeas e destruir os pomares como infelizmente já está principiado e em bom andamento.

E não foi preciso esperar muito.

Bastaram duas ribeiras para causar os prejuízos que lá estão à vista de todos.

Os proprietários das terras a juzante da barragem e ponte perdem as árvores e terras, e as que ficam a montante perdem os pomares, porque as enxurradas arrastam os fangos que são depositados na barragem, chegando a atingir a altura do arvoredo e desabando, depois, um calor tal que obriga a secar tudo.

E a barragem e ponte que já ali não deviam existir lá continuam esperando novas ribeiras, que, a Deus querer, levarão por diante arvoredo, terras, barragem e ponte.

Deve haver dois anos, foi autorizada a verba de 200 contos para a construção dum muro à saída da ponte, que, aguentando a pancada das águas, servisse para as conduzir de forma a procurarem o antigo curso da ribeira o que evitaria alguma coisa, mas não tudo.

Os pobres proprietários têm-se dirigido à Camara pedindo providências e esta tem enviado fotografias às Instancias Superiores. Os Ex.ªs directores da Hidráulica do Guadiana e director das Estradas do Distrito de Faro e ainda o Ex.ª sr. Governador Civil, conhecedores destes grandes prejuízos procuram, valer neste caso. Mas aquela barragem e ponte precisam de ser tirados dali; fazendo-se uma variante, de modo que se construa mais abaixo ou mais acima, em lugar que os técnicos marquem e de forma a salvar ainda o que é possível salvar-se, para que tantos proprietários não vejam ir por água abaixo o que era fartura de suas casas e gados.

E' preciso andar depressa, porque a vir outra ribeira, só haverá que lamentar depois o que se poderia ter evitado antes.

Senhores: Presidente da Câmara, Director das Estradas do Distrito de Faro, Governador Civil do Distrito, Ministro das Obras Públicas, ajudem-nos a salvar as terras e os lindos pomares de Beliche.

José Pedro Pires Parra

ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O Comendador Sol «PARA DIANTE...»

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

bro, atravessarmos de sul a norte o velho Portugal e irmos surpreender os antigos colonos como nós.

Na estação ferroviária de Ferragudo, que então se chamava de Portimão, requisitámos dois bilhetes de circulação de 2.ª classe. O seu custo era apenas de vinte e dois escudos e cinquenta centavos, cada um. Nesse tempo, a linguagem da moeda era outra, ainda os homens usavam chapéu e as senhoras não se entregavam nos braços dos cabeleiros, como actualmente acontece...

Tudo mudou — homens, mulheres, ideias e costumes — com desprimor para a moral e para a economia doméstica.

Os nossos bilhetes davam acesso a todas as estações do percurso. Pareciam duas bíblias daquelas que os ingleses, antigamente, liam ao domingo...

Eu e o meu companheiro marcámos a primeira tirada de Ferragudo à Figueira da Foz, onde a sua praia regurgitava de banhistas. Lá mais adiante, em uma pequenina praia de areia lúzida, com o nome de Buarcos, banhava-se patriarcalmente o venerando Manuel de Arriaga, lendo os seus «Cantos Sagrados», e vigiando os filhos...

Logo na Figueira encontramos três ou quatro companheiros de África.

Hoteis e pensões abarrotavam de hóspedes. Um amigo, conhecido de um hotelheiro, lá conseguiu, para nós os dois, um quarto com duas camas.

As noites, no Casino Peninsular, passavam-se bem — eu a ouvir canções espanholas e o meu companheiro na sala do jogo, a esfolar os parceiros... Na última noite, alta hora, dois estudantes de Coimbra trinavam o fado do Hilário, e pela janela aberta um clarão de luar prateado iluminava o quarto.

O meu companheiro com a algebeira a transbordar de dinheiro ganhou ao jogo, roncava como um suíno. Eu, silenciosamente, assentei-me na cama e escutei algumas quadras daquela voz fresca e melodiosa. Duas redondilhas, pelo menos, ficaram para sempre nos escaninhos do meu crânio. Eram do poeta Augusto Gil:

Teus olhos, contas escuras, São duas ave-marias, Dum rosário de amarguras Que eu rezo todos os dias.

O amor em quem aparece Dizem que faz maravilhas... Eu nunca vi que fizesse Mais do que filhos e filhas.

Ala para Coimbra — na manhã seguinte. Dois dias no Luso e outros dois em Santa-Comba-Dão fizeram-nos bem. Ali visitámos o João e o José de Lemos, dois assíduos charadistas do «Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro». Bons rapazes e alegres colegas.

Toquei em Mortágua para abraçar dois literatos meus amigos — o poeta Tomaz da Fonseca e o dr. Lopes de Oliveira. Que belo dia! Parecíamos todos algarvios — nas palavras, nos movimentos e nas ideias...

À noite, fomos ter a Aveiro, para admirar a ria e os arredores — com fartas provas de ovos moles. No outro dia Ovar, Oliveira de Azemeis, S. João da Madeira e Couto de Cucujães. Terras bucólicas e gente afável e obsequiosa.

Três dias depois, estávamos no Porto, onde o nosso primeiro cuidado foi comprarmos dois comboios em miniatura e remetê-los aos dois filhos de Tomaz da Fonseca e de Lopes de Oliveira, que são agora o dr. Branquinho da Fonseca e o dr. Branquinho de Oliveira, dois primos formados em Direito e escritores modernos, o primeiro colocado em Cascais e o segundo, em Serpa.

Nunca mais os vi desde que, em Mortágua, os conheci tamanhos e risonhos como dois anjos de Guido de Verona.

Subimos até ao Minho. Em Viana do Castelo, encontramos um espanhol de Vigo, que vinha, uma vez por semana, almoçar a esta cidade minhota, unicamente para contemplar uma formosa rapariga que servia à mesa de um restaurante. Também vimos essa beldade e sentimos como esse pobre D. Quixote as mesmas tentações diabólicas e suavidades místicas...

Vou fazer um desvio neste roteiro abreviado, um regresso obrigatório para me penitenciar de um grande erro que pratiquei contra um português de lei. Sou, talvez, um modesto descendente

do Jacinto de «A Cidade e as Serras», que o Eça de Queiroz, voltando os olhos para o seu velho Portugal, reabilitou patrioticamente.

\* \* \*

Ao chegar ao Couto de Cucujães — eu e o meu companheiro de viagem — vimos um monumento dentro de um quintalão, e um pouco ao fundo, à porta de entrada, um homem de 60 anos, ou pouco mais, a fitar embevecidamente a estátua que tinha na sua frente. Cheirou-me logo a drama íntimo. Parámos por um instante, mas o homem continuou de olhos fitos no monumento. Que mistério haveria ali — no homem, na casa e no monumento? Formei logo a intenção de esclarecer o enigma.

O nosso velho amigo Rebelo da Silva já nos esperava, prevenido de véspera por um simples postal nosso.

Era um africanista solteiro, que vivia com duas irmãs também solteiras. Que interessante trindade de solteiros! O Rebelo fez as nossas apresentações e as irmãs, senhoras afectuosas, receberam-nos com atenções festivas. Habitavam um solar de família, circundado por uma horta bem tratada.

Ao lado, um pequeno jardim vicejante imprimia à discreta solidão um ar de nobreza e poesia. Um almoço de aldeia do Norte, abundante e bem cozinhado, satisfiz plenamente o nosso apetite voraz. À sobremesa, uns bolinhos de pão-de-ló vieram pôr termo ao variado repasto.

O Rebelo, porém, notou que eu estava impaciente. Interrogou-me com a sua habitual urbanidade:

— Nota qualquer coisa que lhe falta?

— Preciso de um lacónico esclarecimento.

— Diga, meu amigo. Você, aqui, não pede, manda como em sua casa.

— Obrigado, amigo Rebelo. Quero saber quem é o homem que vi defronte de um monumento, aqui perto da sua morada. E o monumento de quem é?

— O homem é o comendador Sol, e o monumento é também dele — respondeu-me, pausadamente, o Rebelo.

Voltei à carga e formulei outras perguntas:

— Que razões houve para meter o monumento dentro de um quintal espaçoso?

— Ele e o povo da aldeia teimaram em que o monumento fosse colocado em um largo ou numa rua. As autoridades locais, porém, consultaram o governador civil e este mandou dizer que não consentia que tal se fizesse.

O comendador veio do Brasil com fortuna e tem feito bem aos pobres da sua terra. Foi atacado da mania de ter uma estátua aqui...

— O Rebelo, você mesmo que viesse com muito dinheiro do Congo, seria capaz de acalantar um disparate desses?

— Eu, não, pois tenho os miolos saudáveis e não sofro da mania de me imortalizar...

— Tem equilíbrio a sua resposta, tanto mais que não é comendador Sol nem Luai...

Findou assim a nossa conversa e à tarde, com uma aragem fina a dulcificar o calor pesado, despedimo-nos dos nossos amigos e fomos tomar o comboio correio para o Porto.

As nossas férias duraram vinte dias. Separámo-nos no Setil, o meu companheiro veio para Lisboa e eu para Portimão.

Alguns dias depois, iniciei em «O Herald», de Tavira, uns folhetins com cenas pitorescas dessa viagem e uma sova mestra no comendador Sol.

O jornalista António Santos, meu cúmplice nestas brigas dentro do seu jornal, ria-se perdidamente... Mas tanto riu, durante anos e anos, que Deus não hesitou em chamá-lo ao Supremo Tribunal do Céu!

Os diários de Lisboa e Porto deram todos conta da inauguração, em Londres, de uma estátua de Sir Winston Churchill pelos serviços que o velho estadista prestou à Grã-Bretanha e ao Mundo. Essa obra de arte foi do escultor iugoslavo Oscar Memon, que faz lembrar o discutido retrato de Graham Sutherland, oferecido recentemente pelas duas Câmaras.

Churchill também assistiu à inauguração, discursou e opinou que a estátua estava muito parecida. Presidiu à festa o Lord-Mayor, assistindo quase todos os membros do gabinete, incluindo o primeiro ministro. Também as-

sistiu muito povo, e esta cerimónia teve lugar no dia 21 de Junho de 1955.

Não faço comentários e direi unicamente que o actual chefe do governo inglês tomou a vaga deixada por Churchill e é seu sobrinho por afinidade.

Limitei-me a copiar estes apontamentos do «Diário de Notícias» e de «O Século».

Outro caso singular chegou até mim, pela Emissora Nacional, e alguns jornais matutinos, pouco tempo decorrido sobre a retumbante homenagem ao ex-primeiro ministro britânico.

Trata-se do monumento que o general Perón, presidente da República Argentina vai mandar erguer à sua finada esposa Eva Perón, também conhecida pela a Evita.

E' um monumento com 155 metros de altura, contendo uma urna de prata para guardar os ossos da Evita.

À cidade de La Plata foi mudado o nome histórico pelo nome de Evita...

Não será possível, pela transmissão do pensamento, pedir à simpática Evita para editar mais esta antipática asneira do seu marido?!

Do meu cantinho e tolhido de achaques físicos e morais, evoco a memória do comendador Sol que, a esta hora do dia, deve estar no infinito a fabricar tejo para entaipar os que lá vão chegando, inocentes ou pecadores... Eu, pecador, me confesso perante os disparates e absurdos que vou conhecendo por este mundo de Cristo, na Inglaterra, na Argentina, na França, na Argélia e na Índia...

Quando te chamei comendador Lua, proferi uma tremenda tolice... Eu é que andava na Lua a fazer poesia e a rir da tua sinceridade...

Tu, comendador Sol, foste um vidente, um caminheiro do progresso que, meio século antes, ti-veste a visão do que seria mais tarde a gente de hoje, os monumentos de agora e as vaidades de amanhã...

Andaste pelo sertão de Mato Grosso ou do Pará. A fossar a terra encharcada de miasmas e de feras, e nós, portugueses, não soubemos compreender o teu latente orgulho e a tua legítima nobreza!

Marcos Algarve

Nota: — Este artigo foi escrito dois meses antes da derrocada do general Perón, na Argentina. Não tendo eu alterado a minha opinião, entendi que não devia também alterar o meu artigo.

M. A.

MÉTODOS ESPECIAIS NO FABRICO DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

der-se-á conservar muitas semanas mais durante a recongelção, só começando a endurecer doze horas depois de ter sido retirado.

Apresentam-se muitas e notáveis vantagens desta curiosa modalidade do pão, tanto para o padeiro como para o consumidor. Para o padeiro suprime-se, de uma assentada, tudo quanto possa ser «pão duro» e, por conseguinte, os prejuízos originados pelos pães não vendidos. Principalmente nas localidades onde a procura de pão está sujeita a flutuações bastante grandes, a armazenagem refrigerada permite estabilizar a produção sobre um período relativamente amplo. Como o pão congelado se conserva em excelente estado durante tanto tempo, é possível transportá-lo a grandes distâncias, sempre em condições de «frescura», como se tivesse acabado de sair do forno.

Com respeito ao consumidor, pode-se afirmar-se que o pão congelado apresenta um sabor mais agradável que o acabado de sair do forno, elimina o perigo de desperdícios e permite o abastecimento para muitos dias, sem receio de que se torne duro, rançoso ou bolorento. Outra empresa de panificação norte-americana, de Miami, acaba de instalar uma padaria completamente automática e de trabalho contínuo, capaz de produzir cerca de 3.000 quilos de pão cozido, em cada hora. Como é natural, apresenta interessantes características de funcionamento, derivadas do automatismo que rege a fabricação e que lhe permitem conseguir uma produção uniforme.

A instalação possui todos os progressos técnicos em matéria de transportes. Assim, por exemplo, a farinha chega à fábrica em baris, que são transportados dentro da mesma por pequenos carros

Revolução Portuguesa. Fomos desses... E por isso anotamos agora, com verdadeiro desvanecimento, os esforços que está a desenvolver para dar um ritmo novo — e mais acelerado — aos assuntos da sua pasta. Parece-nos que das reuniões com os dirigentes sindicais há-de sair alguma coisa que prestigie o Ministro e dinamise os trabalhos da Organização Corporativa.

Disse o sr. dr. Henrique Veiga de Macedo, no acto da sua posse, que «quem não tiver espirito corporativo não pode ser dirigente corporativo». E afirmou ainda que «é à luz deste pensamento que o Ministro das Corporações está a orientar a sua acção». Temos por isso a certeza de que as

conferências que se tem realizado no Ministério das Corporações, entre o Ministro e as direcções dos Sindicatos, têm procurado conhecer valores, definir situações e a habilitar o chefe da Organização Corporativa a tomar as decisões que mais convenham aos objectivos superiores que se propôs e hão-de dar cumprimento à palavra de ordem de Salazar. «Firme e disposto a caminhar no sentido das legítimas reivindicações dos trabalhadores;» decidido a provar que «a justiça não há-de ser uma palavra vã no seu vocabulário;» «que deve ser os detentores da riqueza a dar o primeiro passo» na aproximação das classes, o sr. dr. Henrique Veiga de Macedo está a realizar um trabalho notável de que justamente se esperam, sem favor, os melhores e mais apreciáveis resultados.

Dr.ª D. Maria Luisa H. de Matos

A convite do reitor do Liceu de Évora e com a assistência das entidades oficiais e docentes daquela cidade, efectuou a conferência de abertura das aulas, naquele estabelecimento de ensino, a directora da Secção Feminina e do Centro Escolar da Mocidade Portuguesa Feminina, a nossa comprouviana e prezada assinante, sr.ª dr.ª D. Maria Luisa Augusto de Matos.

Na citada conferência, a distinta professora versou o tema: «Trabalhos Manuais educativos e sua aplicação doméstica», que foi tratado com suma proficiência e documentação, indicativos da vasta cultura da conferente neste ramo pedagógico, fazendo ressaltar a importância educativa dos trabalhos manuais como factor de formação e aperfeiçoamento do senso estético, e seus efeitos adjuvantes no carácter do estudante.

O notável trabalho foi muito apreciado pelos corpos docentes. No final, a oradora foi muito cumprimentada pela sua explanação, reveladora das qualidades pedagógicas de que a ilustre professora é dotada, e que a impuseram justamente à consideração dos seus superiores e colegas da capital alentejana, com o que muito nos congratulamos.

que se tem realizado no Ministério das Corporações, entre o Ministro e as direcções dos Sindicatos, têm procurado conhecer valores, definir situações e a habilitar o chefe da Organização Corporativa a tomar as decisões que mais convenham aos objectivos superiores que se propôs e hão-de dar cumprimento à palavra de ordem de Salazar. «Firme e disposto a caminhar no sentido das legítimas reivindicações dos trabalhadores;» decidido a provar que «a justiça não há-de ser uma palavra vã no seu vocabulário;» «que deve ser os detentores da riqueza a dar o primeiro passo» na aproximação das classes, o sr. dr. Henrique Veiga de Macedo está a realizar um trabalho notável de que justamente se esperam, sem favor, os melhores e mais apreciáveis resultados.

E assim vemos, com prazer, que de facto se caminha para diante. Para diante na valorização corporativa. Para diante na realização de uma obra que a todos interessa e a todos dignifica.

Manuel Araújo

A INFLUÊNCIA DOS LIVROS nas famílias modestas

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

e que as filhas podem ler às mães, disse:

«Mulheres são estas nascidas para serem esposas e mães, que é quase o mesmo que dizer, nascidas para serem mulheres.»

No entanto, os anos passaram e a vida modificou-se consideravelmente.

Agora, a mulher não pode ser unicamente o que o insigne escritor previa. Ela tem necessidade absoluta de se afastar do lar e ser colaboradora do marido, no ganho para a manutenção dos filhos.

A vida tem mais exigências e, portanto, mais dispendiosa se torna.

O homem, com qualquer ordenado módico, não pode equilibrar de forma alguma o orçamento da vida quotidiana.

Por este motivo, a esposa ganhando ajuda-a a melhorar a situação. Mas ela pode, facilmente, acumular a sua vida exterior e a interior, de dona de casa? E' uma questão de saber dividir o tempo e empregá-lo com bom aproveitamento. Sendo assim, cautelosamente empregado, o tempo parece aumentar de horas e chega para tudo que se pretende.

Senhoras conheço eu, que não tendo emprego, não olham pelo governo da casa, pois a direcção da mesma está exclusivamente, entregue a mercenárias...

Nesta conformidade, toda a mulher pode auxiliar o esposo sem prejuízo de abandonar um tanto o seu lar.

Na época passada, as raparigas que não casavam, quando envelheciam, de católicas passavam a beatas e permaneciam na igreja horas a mais em rezas exageradas...

Quando ficavam sem recursos, tinham de ser recebidas por um irmão, um tio ou um parente mesmo afastado.

Com habilitações adequadas, a mulher trabalha, ganha, tendo como recompensa a sua independência, que não há dinheiro que a possa pagar...

Natália Algarve

Está triste? A vida está-lhe mal!

LEIA

«CARA ALEGRE»

Revista de BOM HUMOR

PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS

Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

Visado pela Comissão de Censura

Em FARO, adquira o «Noticias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.